

Antecipação e interpretação: comentário*

*Jussara Schestatsky Dal Zot**, Porto Alegre*

O presente comentário foi apresentado como introdução ao debate do trabalho Atenção e interpretação, conferência proferida pelo Dr. James Taylor em março de 2007 na SPPA. Nesta, o autor destaca a utilização das idéias de Bion para pensar a situação analítica e assim captar sinais antecipatórios que possibilitem utilizar a interpretação de uma forma criativa. São comentados vários outros autores, nacionais e estrangeiros com pensamentos um pouco divergentes. São cotejados os conceitos básicos de intuição conforme sua utilização por Bion, enfatizando-se a criação mais do que a notação na formulação das interpretações. Conclui-se que a interpretação é fruto de um processo complexo e pouco preciso.

Descritores: Intuição. Situação analítica. Interpretação psicanalítica.

* Comentário ao trabalho intitulado *Antecipação e interpretação* apresentado por David Taylor na atividade *O Método Analítico III: Bion na Atualidade*, realizada pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, março de 2007.

** Psicanalista Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Este comentário tem como objetivo introduzir a discussão do trabalho *Antecipação e interpretação*, conferência proferida na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre pelo Dr. David Taylor, convidado para nos trazer a visão britânica da influência do pensamento de Bion no método analítico na atualidade.

Ao Dr. Taylor gostaria de dizer que ele vem matar nossa saudade dos psicanalistas ingleses, que inúmeras vezes estiveram conosco e fizeram parte da construção da própria história de nossa Sociedade. Desde Herbert Rosenfeld, Joseph Sandler, David Tucket, Elisabeth Spillius, John Steiner, Beth Joseph, D. Meltzer, Ruth Malcolm, R. Britton, entre outros, temos tido momentos de profícuas trocas e aprendizados e é com muito prazer que o recebemos entre nós.

Este é o terceiro ciclo que realizamos com o propósito de atualizar o método psicanalítico, e acredito que não por acaso a ordem escolhida foi esta: Freud, Klein e agora Bion. Partimos de nosso fundador aos desenvolvimentos dos seus seguidores mais importantes, é como vejo e justifico estas escolhas.

Segundo Meltzer (1996), depois das contribuições de Bion, o trabalho do psicanalista ficou mais interessante e também mais complicado. É extremamente interessante quando se consegue engajar o paciente nele, mas pode ser frustrante quando o paciente só está voltado para os benefícios da análise e não para conhecer a própria mente, é o que assinala Meltzer.

De um psicanalista brasileiro, que longe está de ser considerado um *bioniano*, Sérvulo Figueira (1992), apresento o seguinte comentário:

Entre tantas características importantes, a Psicanálise de Bion é marcada por três exigências articuladas, e às vezes contraditórias, que raramente estão presentes na obra de qualquer outro psicanalista: 1) as complexas exigências em torno do conteúdo, da forma, da construção e, principalmente, da relação que um analista tem com a teoria psicanalítica; a exigência de que o analista seja capaz de suportar o impacto da novidade que é o encontro com o analisando, sem perder a curiosidade e a criatividade que são fundamentais para que a clínica psicanalítica tenha sentido e relevância; 2) a atenção constante às questões da técnica através de um esforço crítico de desnaturalização dos procedimentos usuais da psicanálise, guiado pelo que a reformulação teórica aponta e pelo que o respeito à individualidade de cada experiência clínica exige (p. 286-287).

É Bion (1963) quem afirma, em *Elementos de psicanálise*, que seria fácil dizer que a coisa óbvia a se fazer com os pensamentos é pensá-los; é mais difícil

decidir o que tal afirmação significa de fato. Na prática clínica esta afirmação torna-se mais significativa quando é possível contrastá-la com o que a parte psicótica da personalidade faz com os pensamentos ao invés de pensá-los, e quanta dificuldade e trabalho estão envolvidos para qualquer pessoa desenvolver um certo grau de pensamento coerente. O esforço para pensar coerentemente faz o analista sofrer; por isto é tantas vezes abandonado, sendo substituído pelos vários modos do não pensar: o ecletismo confuso, a teorização narcisista, a retórica auto-erótica, a atuação nas suas várias formas.

Concordo com Meltzer (1996) ao afirmar que Bion nos conduz a uma direção humanista, a qual reconhece que o homem carrega um fardo que é o de ter inteligência para perceber os problemas, mas não para resolvê-los. Conseqüentemente ele sofre de confusão mental.

É com esta confusão mental que vamos ter que lidar com nossos pacientes, e penso que talvez este seja o propósito do artigo do Dr. Taylor: como utilizar as idéias de Bion para pensar a situação analítica, para captar o que ele denomina de sinais antecipatórios dos pacientes e com eles poder utilizar a interpretação de uma forma criativa.

É Chuster (2006), psicanalista brasileiro, carioca, que tem se destacado no estudo e publicação de trabalhos sobre Bion, quem afirma que, nesse autor, a ênfase da interpretação é colocada em elementos tais como o interesse pela própria mente, a compreensão emocional e o esforço de pensamento conjunto de analista e analisando para enfrentar as meias verdades, os mistérios e a incerteza do mundo, elementos esses que podem superar a confusão.

A conferência do Dr. Taylor, neste sentido, é muito sensível e através de uma linguagem reflexiva, aberta, busca o auxílio de várias ciências, como a biologia, a neurociência, a filosofia, a ciência cognitiva, no intuito de encontrar a melhor forma de obter as pistas que hão de nos levar ao reconhecimento interpretativo das funções mentais dos pacientes e com isto permitir seu posterior desenvolvimento.

Ao utilizar o auxílio das várias ciências, o Dr. Taylor revela o quão complexo é o cerne do nosso trabalho e como, para desvendar os mistérios da mente humana, estamos ainda dando os primeiros passos.

Pareceu-me que seu texto está constantemente preocupado em descrever uma teoria da observação psicanalítica que, influenciada por Bion, enfatiza este aspecto sobre todos os outros, para compreender o que se passa no processo analítico.

Muitas vezes a investigação psicanalítica foi correlacionada com a investigação policial e vejam que interessante é a forma como o escritor Conan Doyle (1887), no século XIX, descreve a aproximação do detetive Sherlock Holmes da cena do crime: “Total ausência de informações; é um erro capital ficar teorizando

antes de ter todas as evidências. Tendência ao raciocínio” (p. 41). Será que ele antecipou Bion? Nesta breve passagem assinala-se a importância da observação isenta da cena, já que informações prévias podem distorcer a apreciação acurada dos detalhes.

Na sua teoria da observação, salienta “[...] o uso da intuição pelo psicanalista para selecionar pistas, de forma a estar em uma posição para falar sobre o que é incipiente ao invés daquilo que já é óbvio” (p. 41). E nos dá uma definição que chama de *uma variante local*. Posteriormente vai relacionar estes aspectos com as funções da consciência de notação, atenção, ligação e relação, que discutirei mais adiante.

Os dois exemplos clínicos utilizados descrevem sua atenta observação, especialmente do paciente A, que, portador de uma estrutura neurótica, mais integrada, apresentava dificuldades importantes na conexão e desconexão com as experiências emocionais na sessão e fora dela.

Gostaria, então, de tecer alguns comentários e propor algumas questões que me ocorreram lendo este texto tão interessante e instigante, para dar início ao nosso diálogo:

1) No texto é citada *uma variante local do conceito de intuição*: “a intuição psicanalítica é uma forma de notar que, embora aparentemente imediata, se apóia sobre a percepção pré-consciente ou inconsciente de sinais pequenos e precoces de dados emocionais”. Quais as diferenças com o conceito kantiano de intuição, que foi largamente utilizado por Bion? A intuição para Kant significava o contato com a realidade sem a intermediação do pensamento racional. É Sandler (2005) quem afirma que Bion traz de volta para o vocabulário psicanalítico o conceito kantiano de intuição, recuperando a respeitabilidade que ele tinha, de certa forma, perdido durante décadas de positivismo. A impressão que fica da citação e do texto do Dr. Taylor é que ele procura ressaltar as bases científicas para o exercício da intuição. Na leitura que faço, Bion dá especial ênfase ao uso da intuição na apreensão do objeto psicanalítico, do inconsciente, e da importância de o analista ter uma mente aberta ao desconhecido para poder aprender com a experiência. Assim, diria que o conceito de intuição que Bion utiliza é muito mais kantiano, enfatizando a criação mais do que a notação, diferindo, sob este ângulo, da *variante local* utilizada pelo Dr. Taylor.

2) Os requisitos que Bion propugna para o estado mental com que o analista há de captar o desconhecido pelo paciente, aquilo que não tem cheiro, cor ou forma, em que a presença de memória, de desejo e de necessidade de compreensão distorcem o objeto psicanalítico a ser observado e a intuição é ferramenta essencial, como associar esta condição com as funções da consciência que o dr. Taylor propõe

utilizar, de notação e atenção? E que, inclusive, está presente no seu conceito de intuição? Não estariam estas funções impregnadas de memória (notação)? Ao mesmo tempo no texto é dito que é muito difícil colocar em palavras esta constante mutabilidade do paciente, correndo-se o risco de interpretações autópsias. Às vezes fica-se com a impressão de que o texto propõe um analista vigilante, atento, buscando compreender para poder interpretar, postura muito diferente daquela apregoada por Bion.

3) A ontologia da ligação (vínculo) e do aparato que a utiliza é uma das interessantes descrições do texto. O Dr. Taylor se pergunta se reconhecer o elo de ligação e dizer como ele foi estabelecido poderia responder aos constantes movimentos da consciência (notação e atenção) que parecem operar em cada indivíduo. Sendo os elos de ligação ou os ataques a estas manifestações dos objetos psicanalíticos e, portanto, pertencentes predominantemente ao inconsciente, como operariam sobre os sistemas conscientes de notação e atenção? Qual a via a ser utilizada para esta comunicação? Seria muito útil se pudéssemos reconhecer um elo de ligação e logo sermos capazes de dizer como foi estabelecido, mas não fica claro no texto como isto poderia ser feito.

4) Há no texto do Dr. Taylor uma metáfora muito criativa, de uma beleza estética que impressiona sobremaneira. É de William James (apud Taylor, 2006), que compara o fluxo do pensamento com a

“vida de um pássaro, que parece ser feita da alternância entre vôos e pousos [...] os locais de descanso ocupados por imaginações sensoriais contempladas sem mudança; os lugares de vôo sendo cheios de pensamentos de relações; os lugares de descanso seriam chamados de substantivos e os de vôo, transitivos” (p. 495).

Tudo isso para enfatizar que o *pensamento é sensivelmente contínuo* e sempre mutável, de forma fluida e não linear. O que imediatamente me veio à mente foi o trabalho de Bion de 1975, *Cesura* (1977), no qual ele chama a atenção para um tema de extrema relevância em nossa vida mental, a questão da separação/continuidade. É Juez Cruz (2000), nosso colega psicanalista, que, com sua inspiração habitual, ao comentar este trabalho de Bion, assinala: “Ao enfatizar a cesura, ele está alertando para um aspecto específico da técnica: como a cultura de maneira geral e o paciente de uma maneira particular tendem a enfatizar o corte, a separação, a diferença. É tarefa do analista apontar a continuidade” (p. 479). A própria interpretação pode funcionar como uma cesura quando ela se dirige a

um aspecto do material com a exclusão temporária de outros aspectos também importantes. Esta é uma associação possível.

5) E, por fim, o paciente B, referido como exemplo de um paciente mais grave, lembra os pacientes que Bion menciona em *Atenção e interpretação* (1970), que sentem mas não sofrem a dor psíquica. Estes pacientes precisam que o analista reconheça os sinais antecipatórios de certas funções em recuperação e que isso resulte em um reconhecimento interpretativo para eles serem capazes de progredir. Esta é uma afirmação sua, e acho que aponta para uma outra importante contribuição de Bion: a de que a parte psicótica da personalidade, encontrando um continente permeável, será capaz de transformações.

No mais gostaria de agradecer ao Dr. Taylor pelo belo trabalho apresentado que certamente vai propiciar intensa e profunda discussão. E, parodiando o eterno poeta português, diria *navegar é preciso, interpretar não é preciso*.¹ Aos colegas, Favalli, Aldo e Denise, que participaram das reuniões preparatórias, por suas contribuições perspicazes e inteligentes, a todos aqui presentes pela atenção dispensada, obrigada. □

Abstract

Anticipation and interpretation: comments

The present comment has been presented as an introduction to the debate of the work *Attention and interpretation*, a conference proffered by Dr. James Taylor in March 2007 in the Porto Alegre Psychoanalytical Society. In this, the author emphasizes the utilization of Bion's ideas to think the analytical situation in order to detect anticipatory signs which enable the creative use of interpretation. Several other authors, national and international, are commented with their some how divergent thoughts. The basic concepts of intuition are compared according to their utilization by Bion, emphasizing the creation more than the notation in the interpretation's formulation. The conclusion is that the interpretation is the result of a complex and inaccurate process.

Keywords: Intuition. Analytical situation. Psychoanalytical interpretation.

¹ "Navegar é preciso; viver não é preciso" (Fernando Pessoa). *Preciso*, na frase da autora, é utilizado no sentido da *precisão* de um relógio ou dos instrumentos de navegação.

Resumen

Antecipación e interpretación: comentario

El presente comentario fue presentado como introducción al debate del trabajo *Atención e interpretación*, conferencia proferida por el Dr. James Taylor en marzo de 2007 en la Sociedad Psicoanalítica de Porto Alegre. En esa, el autor destaca la utilización de las ideas de Bion para pensar la situación analítica y así captar señales anticipatorios que posibiliten utilizar la interpretación de una forma creativa. Son comentados varios otros autores, nacionales y extranjeros con pensamientos un poco divergentes. Son cotejados los conceptos básicos de intuición, conforme su utilización por Bion, enfatizándose la creación más que la notación en la formulación de las interpretaciones. Concluyese que la interpretación es fruto de un proceso complejo y poco preciso.

Palabras llave: Intuición. Situación analítica. Interpretación psicoanalítica.

Referências

- BION, W. (1963). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1970). *A atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- _____. (1977). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 15, n. 2, p. 123-136.
- CONAN DOYLE. (1887). *Um estudo em vermelho*. São Paulo: Ática, 1998.
- CHUSTER, A. (2006). A evolução da teoria e prática psicanalítica: da experiência de Freud aos dias de hoje. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 14, n. 1, p. 13-16.
- CRUZ, J. (2000). *Era uma vez... o mundo*: algumas reflexões sobre a turbulência emocional. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 7, n. 3, p. 473-490.
- FIGUEIRA, S. (1992). Bion e suas conseqüências para a prática clínica. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 26, n. 3, p. 285-300.
- MELTZER, D. (1996). Conferência *Dream life*. In: FRANÇA, M.; MARRA, E. (org.). *Meltzer em São Paulo: seminários clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 15-28.
- SANDLER, P. (2005). *The language of Bion: a dictionary of concepts*. London: Karnac.
- TAYLOR, D. (2006). Antecipação e interpretação. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 14, n. 3, p. 487-508.

Recebido em 12/04/2007

Aceito em 15/11/2007

Jussara Schestatsky Dal Zot

Av. Taquara, 596/504

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: jussaradalzot@via-rs.net

© Revista de Psicanálise – SPPA